

As senhoras gaúchas no *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*

Maria Eunice Moreira

PUCRS

Resumo

Este artigo enfoca a contribuição de um grupo de senhoras, oriundas do Rio Grande do Sul, no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Praticamente desconhecidas na história da literatura brasileira, essas senhoras encontraram no periódico português um espaço para publicação de seus versos e de seus logogrifos, estabelecendo forte ligação com o círculo literário português, no século XIX.

Palavras-chaves: poetisas brasileiras; século XIX; almanaque português.

Abstract

This paper focuses on the contribution of a group of ladies from Rio Grande do Sul to the *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Practically unknown in the history of Brazilian literature, these ladies found in the Portuguese periodical a space for the publication of their poetry and their logogrifhs, establishing a strong bond with the Portuguese literary circle in the 19th century.

Keywords: Brazilian woman poets; 19th century; Portuguese periodical.

*Cada povo que se organiza, e se prepara para a
História, imediatamente redige seu Almanaque,
com o cuidado e a previsão com que traça as
ruas da sua cidade.*
Eça de Queiroz

A epígrafe com que inicio este texto foi retirada do ensaio intitulado “Almanaques”, escrito por Eça de Queiroz para prefácio ao *Almanaque enciclopédico*, de 1896, editado em Lisboa por Antônio Maria Pereira. Nele, o célebre escritor retoma uma lenda talmúdica para destacar a importância do almanaque na preservação do pensamento da humanidade. O Almanaque a que me refiro, no título deste trabalho, não é outro senão o *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, publicado em Portugal, entre os anos de 1851 e 1932. Nesses seus mais de oitenta anos de circulação, esse *Almanaque*, não obstante a sua longevidade, em quase nada diferiu de outras produções congêneres que se registraram nessa época e nem se distinguiu pela matéria ali apresentada. Poemas, textos em prosa, comentários, críticos dividiram páginas com

matérias consideradas menos sérias, como charadas, logogrifos, e outros tipos de texto que compõem a variedade dos assuntos e das formas contidas nessas publicações.

Há, porém, um aspecto singular que distingue o *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, quando se adentra por suas páginas, objeto de uma longa e vasta pesquisa desenvolvida por um grupo de estudiosos do lado de lá e do lado de cá do Atlântico, sob a coordenação de Vania Pinheiro Chaves, do Clepul (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, da Universidade de Lisboa). O *Almanaque* abre espaço para um grupo de “senhoras”, que distantes dos tomos das histórias da literatura brasileiras nele encontram guarida para a divulgação de seus poemas, de suas narrativas e de suas charadas.

Especificamente, reporto-me a um grupo de mulheres do Rio Grande do Sul, poetisas e narradoras, um conjunto que, através de suas composições, apresenta os primeiros traços femininos do Sul ou, como diria Eça de Queiroz, as “verdades iniciais” dos processos literários de seus espaços culturais. Entre os textos de autoria feminina, destacam-se, principalmente os poemas, preferido por dez entre onze dessas senhoras, mas há outras particularidades que, provenientes de um grupo de mulheres, toma outra proporção e distingo duas: 1 – a discussão que elas empreenderam sobre a questão de preferências literárias ou familiaridade com movimentos estéticos; 2 – a forte relação estabelecida com o grupo de intelectuais portugueses, que, no Velho Continente, era responsável pela edição do *Almanaque*.

Vania Chaves esclarece que a produção oriunda do Rio Grande foi registrada em 1857, pela primeira vez, somando, até 1919, centenas de escritos que podem ser agrupados em três conjuntos: textos em prosa, composições poéticas e passatempos. Entre as senhoras, se bem que se constate sua presença a partir da década de 1870, a maior incidência verifica-se entre os anos de 1873 a 1903.

A observação vale a pena ser assinalada, mas é necessário sublinhar algumas características particulares da então Província do Rio Grande e que justificam a rara autoria feminina. Território muito afeito a guerras, sobretudo às lutas de conquista com os vizinhos uruguaios e argentinos, o Rio Grande passou mais da metade do século XIX, mais preocupado com as armas do que com as letras. O ambiente guerreiro certamente não favoreceu a escrita ou estimulou o pensamento simbólico, pois em plena

refrega é quase impossível a reflexão intelectual. Somente com o apaziguamento parcial da Província, ao final da década de 1860, seria constituída em Porto Alegre a primeira sociedade voltada às letras, qual seja, a Sociedade Partenon Literário. Fundada em 1868, assim mesmo essa agremiação vivenciou o cenário bélico, uma vez que, no momento de sua instalação, o Brasil lutava contra as forças de Solano Lopes, na conhecida Guerra do Paraguai.

Em 1857, portanto, quando o *Almanaque* publicou as primeiras produções provenientes do Rio Grande, os gaúchos estavam envolvidos em lutas e não havia, em toda a Província, uma entidade capaz de reunir os homens de letras e de cultura. Sendo assim, a produção literária, oriunda especialmente das cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande — essas duas últimas fundadas por portugueses — chegou a Portugal provavelmente em função das relações pessoais que se estabeleceram entre homens e mulheres de letras, ainda que distanciados geograficamente. Essa intercomunicação, também assinalada por Vania Chaves, é registrada em cartas entre colaboradores e editores, pelas homenagens que são feitas através dos textos publicados ou pelos laços afetivos que envolveram brasileiros e lusitanos.

Tomando por referência apenas o grupo de “Senhoras” rio-grandenses, que publicou no *Almanaque*, alinham-se os seguintes nomes: Anália Vieira do Nascimento (Porto Alegre), com vinte e um textos; Júlia César Cavalcanti (Pelotas), com oito textos; Luísa Cavalcanti Guimarães¹ (Pelotas) e Cândida Fortes (Cachoeira), com três textos; Tercília Nunes Lobo² e Andradina de Oliveira³ (Porto Alegre), com dois textos; Arminda (Itaqui), Ibrantina Cardona,⁴ Julieta Monteiro,⁵ Maria Clara da Cunha Santos (Pelotas), Sofia A. Benny (Pelotas), todas com um texto, totalizando, portanto, quarenta e quatro textos publicados pelas rio-grandenses.

A origem das autoras é representativa do estágio cultural do Rio Grande: de Porto Alegre, a Capital da Província, e de uma cidade do interior, Pelotas, de maior desenvolvimento cultural, provêm essas “Senhoras”: quatro das onze escritoras são

¹ Irmã de Júlia César Cavalcanti.

² Sem identificação do local de origem.

³ Considero o texto assinado por A. O. como sendo de autoria de Andradina de Oliveira.

⁴ Sem identificação do local de origem. No texto intitulado “D. Ibrantina Cardona”, toma-se conhecimento de que era natural do Rio Grande do Sul. V. *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, p. 273-276, 1901.

⁵ Sem identificação do local de origem. A autora é natural de Rio Grande.

pelotenses. Pelo levantamento efetuado, é possível perceber que a poesia tem preferência sobre a prosa — do total de textos apenas dez enquadram-se no gênero da prosa — e o texto poético privilegia o soneto sobre as demais formas. Predominam nos versos os temas relativos à saudade, ao infortúnio amoroso, à desventura e à morte, apontando para a vinculação do grupo de escritoras com os assuntos próprios do romantismo. Os títulos dos poemas indiciam a marca romântica: “A uma infeliz”, “Flor caída”, “Os dois anjos”, “Teus olhos”, “Num álbum”.

Para discutir essas questões, tomo como exemplo a poetisa Anália Vieira do Nascimento, que colaborou sistematicamente para o *Almanaque*. Anália não só é quantitativamente mais presente do que as demais, como também sua contribuição é de mais longa duração: de 1873 a 1893, embora com intervalos. Nesse período, Anália exercitou-se nos temas próprios do romantismo, do qual o acróstico “Num Álbum” é representativo:

Num álbum
De votre nom j'embellirais mes vers.
Parny

Linda donzela de um olhar tão puro
É teu futuro de esplendores cheio;
O teu semblante jovial não mente,
Passa contente, és feliz: eu creio.
Olha o presente – que viçosas flores!
Linda nas cores, no sutil perfume...
Deixa, não ames; o amor mais terno,
Imenso, eterno, no Senhor resume!
Não ames nunca, que o viver de amores
A alma condena a cruciantes dores!

Outro aspecto a ressaltar na produção de Anália diz respeito à marca da poesia de Gonçalves Dias em sua composição. Poeta com destacada recepção entre os gaúchos, sua obra orienta o poema de Anália, intitulado “O canto do sabiá”. Nessa composição, o ritmo e a disposição das estrofes presentificam o autor de *Os timbiras* e confirmam a leitura de sua obra, na Província:

O canto do sabiá

Ao distinto logografista Ilmo. Sr. José Felgueiras⁶ (de Guimarães – Portugal).

Nas tardes calmosas, sem pálidas brumas,
que n'alma produzem tristonha impressão,
cantor do mistério, sacodes as plumas
e soltas um hino de funda paixão!
As notas harmoniosas
de teu celeste cantar
são como as vozes queixosas
de um arcanjo a soluçar!

Por entre a folhagem da verde aroeira
que trovas cadentes desatas a flux!
que escalas divinas! que voz feiticeira
que a todas as almas cativa e seduz!
O que sentes no teu seio?
Tens saudade a te pungir?
O que exprime esse gorgoeio
que eu não posso definir?

Minh'alma, se escuta teus cantos divinos,
transporta-se a um mundo de eterna ilusão!
Repete em silêncio teus sons argentinos,
e quer na memória retê-los... em vão!
Avezinha que me encantas
com teu doce gorgear,
quem te deu trovas tão santas?
Quem te faz assim cantar?

Que misto de mágoas, de amor, e carinho!
que fundas saudades exprimes na voz!
Cantor namorado, feliz passarinho,
tu sempre dissipas a dor mais atroz!
Que vivente, ou criatura
neste mundo existirá,
que na voz tenha a doçura
que tu tens, meu sabiá?

Talvez a característica mais acentuada da produção poética dessa autora esteja expressa no intercâmbio que manteve com os autores portugueses, seus pares na exímia arte dos acrósticos ou das charadas. Em 1875, por exemplo, dedicou um poema “Aos ilustrados cavalheiros de que trata o *Almanaque* de 1875”, estando incluídos nessa relação Antônio Machado, Júlio Caldeira, Luís Carlos de Araújo Palmeira Palma, Antônio M. C. Almeida Ferraz, Antônio Batalhense, Padre Luís Antônio da Fonseca

⁶ Nota do *Almanaque*: «Foi o primeiro cavalheiro que me comunicou haver decifrado o meu logogrifo de pág. 237 do Alm. de 1876.»

Moreira, José Joaquim de Matos, André do Quental e Antônio de Sá Soares Leite. O texto é o seguinte:

Eu sinto com mágoa extrema
não ser um ente exemplar,
que tenha o dote sublime
de poder adivinhar!

Só assim eu saberia
que tão distintos senhores
foram do meu logogrifo
sagazes decifradores!

E mandar-lhes-ia logo
(pois não falto ao que prometo)
quatorze versos truncados
com pretensões a soneto!

Mas não sou nova Cassandra,
nem consulto as nigromantes,
nem tenho as asas ligeiras
dos aéreos habitantes!

Além disso vejo pouco:
desta terra de Cabral
não distingo o que se passa
no Reino de Portugal!

Quis a sorte que eu nascesse
criatura bem vulgar,
porque, além de muito míope,
nunca posso adivinhar!

Se quiserem ter o prêmio,
cada qual por mais ladino
me escreva pelo correio!
pelo fio submarino!

Em nota inserida no Almanaque, Anália manifesta sua surpresa sobre a recepção de suas quadras:

Como fiz a todas pessoas que tiveram a delicadeza de escrever-me, as quais perfizeram a soma total de 125! Quase um batalhão! Da costa d'África, poucas; de Portugal, muitas; do Brasil então não falemos! Vinham às dezenas! Nunca me vi tão requestada! Alguns afirmavam que eu era *ninfa*, outros acreditavam que eu era *estrela*: a maior parte ficou indecisa: não sabia se eu era *divindade* ou simplesmente *flor*! Mas

não me vi embaraçada em satisfazer o meu compromisso, porque tinha já de antemão mandado imprimir 200 exemplares de um soneto laudatório, que compus conforme Deus me ajudou, e que fui remetendo como o doutor Holloway remete as suas pílulas — com o maior desinteresse do mundo!

Foi, contudo, com seu editor, Antônio Xavier Cordeiro, que Anália manteve maior interlocução. Com ele, discutiu questões de ordem literária, como em “Epístola”, quando teceu considerações sobre o Romantismo e o Realismo, e em “Goivos”, escrito por ocasião da morte da esposa de Antônio Xavier Cordeiro. Composto em quartetos, mas com o andamento de uma carta, “Epístola” traz à luz discussões feitas nesse momento e que se referem à filiação a uma escola mais lírica, ou seja, o romantismo, e outra formal, como o realismo. Entre uma estética e outra, e consciente de que não dispunha de grande aparato cultural para se dedicar a versos mais elaborados, optou por assumir a condição de logografista, conforme diz nos versos:

Não posso ao lirismo dar-me
nem posso ser realista:
é minha sina ocupar-me
sempre em ser logografista!⁷

Embora não mantivesse a regularidade na escrita para o *Almanaque*, uma vez que sua presença não se dá anualmente, Anália foi sempre requisitada pelos seus editores. Por isso, quando deixou de enviar sua colaboração, essa ausência foi notada e anotada por seus pares. Em 1885, ao publicar “A volta”, novamente dedicado a Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro, o texto veio acompanhado de uma nota em que consta a seguinte informação:

Voltou. O ano passado, ao encerrar este anuário, vendo que nele faltava o nome das suas mais queridas e talentosas colaboradoras, por que não nos visitara, escrevemos na *Correspondência*: “Que é feito da *Madrugadora*? Que é feito da *Devota*? Perguntamos, porque costumados que estávamos a vê-la, e ninguém nos responde!...”⁸

Os versos de Anália confirmam o motivo de seu afastamento e a promessa do retorno, quando escreve:

⁷ *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, p. 228-230, 1880. Não obstante essa tomada de posição, Anália continuou a escrever poemas em lugar de charadas.

⁸ *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, p. 367-368, 1885.

Do leito me erguendo, fugindo à moléstia
Que em prantos aflitos minh'alma prostrou,
Eis rasgo de novo meu véu de modéstia;
Respondo sorrindo: "Voltei! Aqui estou!"⁹

Apesar, porém, dessa aproximação com o editor e com o público leitor, Anália escreveu para o Anuário, pela última vez, em 1893. Depois disso, não há registro de seus versos e nem ficam explicitadas as razões pelas quais teria abandonado a colaboração. De sua vida pessoal e profissional, pouco se sabe e os raros registros encontram-se em dois poemas: o primeiro, divulgado no *Almanaque* de 1874, quando publicou "No mar" e o segundo, em 1889, quando escreveu "Retrato". A considerar como correta a informação, pelo primeiro texto pode-se obter o dia e ano de nascimento da poetisa, quando ela anotou, logo após o título do poema: "No dia de meus anos, 2 de setembro de 1873". Nessa data, Anália completou 18 anos, o que se deduz da seguinte estrofe:

Era assim que eu saudava os esplendores,
De que se revestira a natureza
Nesse dia infeliz em que eu contava
Dezoito primaveras de existência!¹⁰

Duas informações, pelo menos, decorrem dessa leitura: Anália nasceu, portanto, em 2 de setembro de 1855, e seu aniversário de 18 anos transcorreu em meio à infelicidade. Esse estado parece ter perdurado em sua vida, pois anos mais tarde, em 1889, quando dedicou ao Coronel Carlos de Moraes, do Pará, o soneto "Retrato", delineou seu perfil em torno das seguintes características: "alma pensativa", em busca da ventura "sempre esquiva", vivendo em "solidão silente". De seus interesses, revela ser "afeita aos livros", ser amante das artes e das flores; de suas crenças, afirma adorar a "Deus sem místico aparato". Enfim, reconhece que possui um "coração sensível, grato", que "sabe avaliar favores".

⁹ *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, p. 367-368, 1885.

¹⁰ *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*, p. 242-243, 1875.

Além disso, nada se conhece de uma poetisa que, embora prolífera, não deixou seu nome registrado nas histórias da literatura, com exceção de uma ligeira observação feita por Guilhermino César, em *História da literatura do Rio Grande do Sul*. No item “Outros poetas”, do capítulo “Da Reação Anti-romântica aos primeiros parnasianos”, menciona o nome de Amália (*sic*) Vieira do Nascimento entre os autores do final do século XIX, considerados como “românticos retardados” (CESAR, 1971, p. 297). E com essa singela observação, Anália do Nascimento passou à posteridade.

Algumas considerações finais

A presença desse grupo de “Senhoras” escritoras do Rio Grande do Sul, no século XIX, constitui um interessante caso para a história da literatura brasileira e sul-rio-grandense. Se no Brasil, em geral, a voz da mulher era muito pouco ouvida — basta retomar as histórias da literatura brasileira e proceder ao inventário de autoras do sexo feminino — na Província sulina a mulher era inferior, mesmo no ambiente doméstico. Esse fato é atestado pelos historiadores que percorreram as terras do Sul, no século XIX, registraram o comportamento das mulheres gaúchas. Arsène Isabelle, por exemplo, anotou no relato da *Viagem ao rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*, que as brasileiras da Província do Rio Grande não eram “nem belas nem graciosas” (ISABELLE, 1949, p. 277), mas sobretudo lhe chamou a atenção, comparando com as portenhas, que “não conseguem animar seus rostos, dar expressão aos seus olhos” (ISABELLE, 1949, p. 277) ou ter esse ar de “liberdade nos movimentos” (ISABELLE, 1949, p. 277). Enfim, segundo o viajante estrangeiro, as gaúchas pareciam “em público, simples figuras de *autômatos*” (ISABELLE, 1949, p. 277).¹¹

Sem reconhecimento, sem instrução e sem preparo, à mulher não lhe era concedido lugar social. As poucas escritoras que a história da literatura sulina inscreveu como autoras rio-grandenses do século XIX, em geral dedicaram-se à poesia e desfrutaram de alguma benesse, como é o caso da primeira poetisa, Maria Clemência da Silveira Sampaio,¹² cujos versos foram publicados pelo apoio imperial, e Delfina

¹¹ Itálico do original.

¹² SAMPAIO, Maria Clemência da Silveira. *Versos heroicos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1823. Ver MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Uma voz ao Sul: os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio*. Florianópolis: Mulheres, 2003.

Benigna da Cunha.¹³ Salvo essas exceções, a publicação de autoria feminina é rara e, em algumas vezes, as próprias mulheres criaram as condições para a circulação de suas produções, como as irmãs Revocata de Melo e Julieta de Melo Monteiro, que editaram o *Corimbo*, em Rio Grande.

Esse quadro coloca ainda mais em destaque a publicação de 11 “Senhoras” do Rio Grande, no *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Se é sabido que, dentre elas, algumas tiveram obras editadas — Cândida Fortes Brandão ou Luísa Guimarães Cavalcanti — outras não tiveram edições de seus versos — Arminda ou Ibrantina Cardona. No entanto, sobre o conjunto feminino que publicou no *Almanaque* pesa uma questão maior: com exceção das irmãs Revocata e Julieta, a maior parte foi negligenciada pelas histórias da literatura.¹⁴

Essa situação suscita algumas indagações que, sem resposta neste artigo, provocam outras perguntas e demandam novas pesquisas: que relações se estabeleceram entre grupo de mulheres e os editores do *Almanaque*, de modo que seus textos chegaram às páginas de uma publicação de além-mar? Por que, mesmo tendo tido esse reconhecimento, suas obras e seus escritos permaneceram desconhecidos entre seus pares, entre leitores e entre a crítica brasileira e rio-grandense? Como o *Almanaque* contribuiu para a divulgação dessas Senhoras? Que repercussão tiveram os versos das brasileiras entre editores, leitores e críticos de Portugal? Por que a história da literatura sistematicamente rejeita a escrita de autoria feminina, concedendo — quando concede — um pequeno espaço a essa produção? Enfim, são perguntas a que se podem associar outras tantas.

Recorro novamente a Eça de Queiroz, para finalizar, e à epígrafe que abre este texto. Cada povo que se organiza, e se prepara para a História, redige o seu Almanaque, da mesma forma que traça as ruas de uma cidade, mas diz mais ainda quando reconhece que o Almanaque regula a vida individual ou coletiva. Sem essa publicação, afirma o

¹³ CUNHA, Delfina Benigna da. *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*. Porto Alegre: Tip. Francesa, 1834. A obra teve uma segunda edição, no Rio de Janeiro, sob a responsabilidade da Tip. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, em 1838. Ver BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *Poesias*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2001.

¹⁴ Das 11 mulheres que publicaram no *Almanaque*, encontra-se referência a seus nomes na *História da literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar: Amália [sic] Vieira do Nascimento, Andradina de Oliveira, Cândida Fortes Brandão e Julieta de Melo Monteiro.

autor de *Os Maias*, “o que era uma sociedade seria apenas uma horda e o que era um cidadão seria apenas um trambolho”.¹⁵

Talvez essa afirmação seja suficiente para que se possa aquilatar a contribuição das “Senhoras” gaúchas que buscaram um “lugar ao sol” para inscrever a literatura de sua terra, ainda que nos livros de outras terras, preparando os caminhos para a história da literatura feminina do Brasil.

Referências

- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 297.
- ISABELLE, Arsène. *Viagem ao rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1949. p. 277.

Minicurrículo

Maria Eunice Moreira é professora titular da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tem graduação em Letras (1976) e graduação em Ciências Jurídicas e Sociais. Coursou especialização em Teoria Literária na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1977). É mestre em Linguística e Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1979) e doutora em Linguística e Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1989).

¹⁵ QUEIRÓS, Eça de. 21b. (1895) – Almanques. In: FIALHO, Irene. *Edição crítica das obras de Eça de Queiroz. Almanques e outros dispersos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.